

Como ser humano no mundo virtual

Luís Alexandre de Oliveira*

Na malha da rede

Os impactos íntimos da Internet

Ana Maria Nicolaci-da-Costa

Rio de Janeiro: Campus, 1998

De uma hora para outra, pequenos vocábulos estrangeiros, como chat e download, começam a se tornar presentes em nosso cotidiano. Antes mesmo de descobrirmos sua tradução para o nosso idioma, a convivência com eles nos faz entender o seu propósito, “bate-papo” no computador e “baixar” um arquivo na rede. O livro da psicóloga Ana Maria Nicolaci-da-Costa tem como objetivo básico discutir como essa pequena e silenciosa revolução, que se alastra em nossa sociedade, vem afetando nossa percepção. A Internet, o virtual, enfim, a cibercultura já são realidades da nossa vida cotidiana. Mas como estamos lidando com isso? Como essas modificações afetam nossa percepção de mundo, o cotidiano, a linguagem, as interações sociais? Se o livro apenas lançasse a público essa discussão, já seria uma excelente iniciativa, porém, acredito que ele tenha alcançado muito mais do que isso.

Em primeiro lugar, Nicolaci-da-Costa discorre pelo tema de maneira apaixonada, contagiando o leitor de tal forma, que nos sentimos participantes dessa evolução da informática e, mais do que isso, da própria trajetória da autora. Quem já trabalha, de alguma forma, com a informática identifica-se



com ela em diversas situações, enquanto que os leigos no assunto não deixarão de se contaminar pelo “vírus” da cibercultura e encontrarão uma ótima fonte para entrar nesse mundo. Esse estudo estaria muito bem posicionado numa livraria, tanto numa estante de livros de informática como numa de psicologia. A preocupação da autora em explicar os passos dessa nova onda, ao mesmo tempo em que discute os impactos no cotidiano humano, faz do livro uma leitura obrigatória. Na malha da rede abre caminho para se entender livros mais técnicos e específicos, como o excelente *Pesquisa na Internet*, de Davide Mota e outros mais teóricos, como *O que é o virtual*, de Pierre Levy.

A autora alerta para a dificuldade de se discutir um tema novo como esse, pois se esbarra, sempre, na barreira do velho, do que já está arraigado no pensamento coletivo. Ela nos mostra que para aceitarmos o novo, devemos também ter novas maneiras de pensar, quebrar paradigmas, o que nem sempre é fácil. Os jovens, com certeza, estão mais aptos a assimilar essa cultura do que aqueles que já têm seus próprios valores e, de repente, deparam com uma outra forma de se ver o mundo – minimizam-se as referências geográficas, tais como a nossa casa: hoje queremos ter uma homepage para que possamos ser localizados no mundo virtual. Se temos casa virtual, a caixa postal virou e-mail. Se antes saíamos para conversar em pontos de encontro como praças e casas noturnas, hoje nos encontramos em algum lugar no ciberespaço, em salas virtuais de bate-papo como os chats. Se em outras épocas deparávamos com a falta de informações e com dificuldades de comunicação, hoje o excesso de informações e a predominância dos meios de comunicação nos deixam perdidos.

Onde encontrar a informação certa na internet, em que tudo leva a tudo? Davide Mota, no livro acima citado, compara a Internet com o conto *Biblioteca de Babel*, de Jorge Luís Borges. No conto, a biblioteca possuía uma infinidade de livros, todos com o mesmo número de páginas, mesmo tamanho e mesmo número de letras. De um para o outro mudava uma letra, num tercei-

ro mudavam duas letras e assim por diante, de forma que existiam todas as combinações possíveis de letras. Podia-se, assim, encontrar todos os textos do mundo, mas também textos absurdos e desconexos. O mesmo ocorre na Internet. Podemos encontrar tudo, mas esse tudo inclui inutilidades, besteiras,

Ana Maria Nicolaci-da-Costa, ao longo do livro, vai explicando passo a passo os caminhos para começarmos a entender esse mundo (a Internet) e ao mesmo tempo a perceber nossa reação a essas mudanças.

falsas informações, textos sem nexo. Ana Maria, ao longo do livro, vai explicando passo a passo os caminhos para começarmos a entender esse mundo e ao mesmo tempo a perceber nossa reação a essas mudanças. Ela ensina como marcar presença no ciberespaço e como nos apropriarmos do meio. E faz isso não só se baseando em sua experiência, mas nos estudos do grupo de pesquisa sobre meio virtual que coordena. Discorrendo sobre todos os temas, ela vai alinhavando-os com as impressões das pessoas que voluntariamente participaram da pesquisa.

Uma das observações da autora refere-se ao que ela chama de antropomorfização da máquina. Ao falar sobre as interações homem-máquina, ela atenta para a tentativa cada vez mais presente de humanizar a máquina, para que se pareça mais com um amigo do que com uma ferramenta. Acredito que esse seja um desejo e ao mesmo tempo um temor que a tecnologia provoca. Quem não se lembra do Hall, o computador com sentimentos e vontades humanas do filme 2001, *Uma Odisséia no Espaço*? Segundo Nicolaci-da-Costa, o computador já nasce com duas características humanas: a inteligência para resolução de diversos tipos de problemas e a memória. Mas não só isso: “Os computadores dos dias de hoje, se não têm a capacidade muito humana de sentir, têm, ao menos, a capaci-

de também muito humana de gerar uma ampla gama de sentimentos em seus usuários: sentimentos negativos – como os de raiva, desespero e impotência perante a máquina –, e sentimentos positivos – como os de confiança, cumplicidade e companheirismo em relação à máquina.” (p.58)

A autora comenta ainda que essa antropomorfização reflete apenas o nosso desejo de que a máquina se torne humana pois, na realidade, por trás da máquina estamos interagindo com os humanos. Eles é que dotam a máquina das reações que gostaríamos de receber.

Outros temas que se destacam no livro, e que acredito ser do maior interesse para os leitores, são o hipertexto e os novos usos dessa linguagem na mídia. O hipertexto, segundo a autora, oferece mais liberdade, tanto para o autor expor suas idéias quanto para o leitor, que pode ler o texto da forma que quiser. A leitura torna-se não-linear, semelhante a uma conversa com o autor, de acordo com um dos entrevistados da pesquisa.

Uma nova lógica aos poucos vai se formando e nos obrigando a rever paradigmas e conceitos. Não sabemos se isso é positivo ou negativo. É certo que o uso em excesso e a saturação são prejudiciais para a mente e para o corpo, porém isso não é nenhuma novidade. O que se torna urgente é a discussão de como toda essa realidade está nos afetando, e, para isso, Na malha da rede apresenta-se como um bom começo.

** Luís Alexandre de Oliveira é Psicólogo e Coordenador-técnico do Laboratório de Editoração Eletrônica da Faculdade de Comunicação Social/UERJ.*